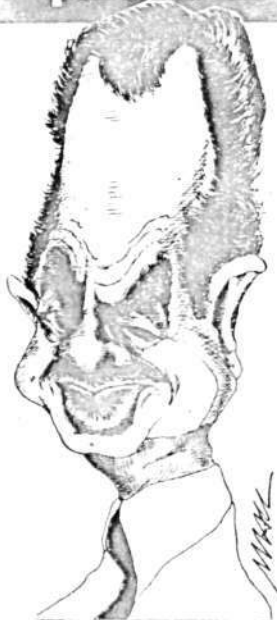


Simon: a hora é da Constituinte, não de crise partidária.

O governador Pedro Simon criticou ontem, em Porto Alegre, a proposta defendida por alguns líderes do PMDB, entre os quais o senador Mário Covas e o ex-governador paulista Franco Montoro, de convocar uma convenção extraordinária do partido no próximo mês, para redefinir os rumos da legenda, resgatando os seus compromissos programáticos. "Não vejo com simpatia", disse o governador gaúcho sobre a proposta, argumentando que o PMDB deve dar "força total" para a Assembleia Nacional Constituinte e não se preocupar com outras discussões neste momento da vida nacional.

O governador do Rio Grande do Sul evitou comentar a proposta do senador Fernando Henrique Cardoso de rompimento do PMDB com o governo do presidente José Sarney, dizendo que não conhecia o seu teor. Extra-oficialmente, porém, sabe-se que Simon também discorda dessa idéia.

Para ele, a possibilidade de se realizar uma convenção partidária em pouco tempo, como a prevista para o próximo mês, por exemplo, significaria, necessariamente,



"mais uma paralisação na Assembleia Nacional Constituinte". E com isso Simon não concorda, pois enfatiza que o partido deve unir-se em torno da necessidade de estimular a Constituinte. Recentemente, ele já se havia manifestado sobre o assunto, alertando os constituintes do PMDB para a importância de se "dar força total a um texto de melhor nível, um texto enxuto e sério" que reflita os anseios da maioria da população brasileira, o que evitaria, em sua opinião, a "crise permanente".

Sobre o Centrão, o

governador Pedro Simon observou que o grupo deveria, em sua opinião, se identificar mais "com o programa partidário", pois "não é proporcionando uma força contrária, ou pela formação de grupos, que será encontrada uma solução para os problemas que andam por aí". Para ele, deve ser feito um esforço entre os membros do partido, com o objetivo de unir as várias correntes existentes, o que é possível, acredita, porque o Centrão ainda não "dominou" o PMDB. "Pelo menos eu espero que não", ressaltou.

Embora não tivesse conhecimento do lançamento oficial da campanha nacional pró-parlamentarismo com eleições diretas no próximo ano — "nem fui consultado sobre isso" —, Pedro Simon discordou de mais essa proposta. Favorável ao regime parlamentarista de governo, ele entende, porém, que implantá-lo já no próximo ano "seria repetir 1961, uma experiência fracassada. Por isso, defende a sua implantação somente para o governo do próximo presidente, da mesma forma como, "em tese", se manifesta por um mandato de cinco anos para Sarney.